

## FIAT LUX: UM (RE) ENCONTRO À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

Fernanda de Oliveira Silva, UERN, [nandamadrid5@hotmail.com](mailto:nandamadrid5@hotmail.com)<sup>1</sup>  
Karlla Christine Araújo Souza, UERN, [karlla\\_chris@yahoo.com.br](mailto:karlla_chris@yahoo.com.br)<sup>2</sup>

### Eixo 08: Histórias de vida como estratégias formativas para o desenvolvimento humano

#### RESUMO

Este ensaio é parte de uma experiência vivida no desenvolvimento da pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É fruto de um projeto de dissertação que foi sendo adaptado e tomando corpo ao longo de discussões, olhares, sentimentos, conhecimentos e novas necessidades surgidas neste programa e no Grupo de Pesquisa do Pensamento complexo (GECOM). Este artigo relata a experiência vivida ao longo do reencontro vivido com um grupo de alunos do PIBID do curso de Educação Física do CAMEAM/UERN em que os atores foram convidados a participar de um dia de experiência/reencontro em que tentamos proporcionar diversas lembranças, por meio de histórias de vida, retratos, imagens, poesias, pinturas que foram subsídios para que a pesquisa fosse realizada a partir de uma ótica multidimensional, sensível e complexa. Portanto, buscamos discorrer sobre esse contexto a fim de enaltecer os detalhes mais preciosos que passam despercebidos diante das grandes lentes e das grandes narrativas, mas que foram e são cruciais para o nosso entendimento frente ao complexo contexto da autoformação.

**PALVRAS-CHAVE:** Reencontro. Experiência. Pensamento Complexo. Histórias de vida. Autoformação.

#### INTRODUÇÃO

De que é feito o ser humano?  
Simplesmente de ossos e músculos  
Passíveis de dor?  
Ou de um corpo cheio de sentimento e amor?

Enfim, o que nos resta é permitir sentir.  
Pois quem sabe um dia venhamos a descobrir.

(Francisco Alves)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN

<sup>3</sup> Poesias desenvolvidas pelos atores participantes da pesquisa. Estas virão dispostas em todo este ensaio.

É com esta poesia elaborada por um de nossos atores principais que iniciamos aquilo que se configura como um relato de experiência. O olhar cuidadoso, a água derramada que se espalha rapidamente, o brilho no olho, a sombra de uma árvore que convida a uma conversa boa e cheia de lembranças divertidas e saudáveis, o ambiente todo repleto de recordações, a cidade, os mesmos rostos, ideias diferentes, a mesma experiência. Eis o reencontro: o dia em que um grupo, cujo sentimento estendeu-se muito além da academia, reuniu-se para “reviver”, “desenhar”, “poetizar”, “recordar” e tantos outros verbos que poderíamos usar aqui, um momento sem definições prontas e sim eivados de expectativas e satisfação de ter usufruído daquilo que marcou suas vidas, segundo as palavras de quase todos os atores que nos presentearam com essas histórias. Foi e é um conjunto. Um conjunto complexo que envolveu pessoas e personalidades, objetos e objetivos, vida e formação. Encaramos e acreditamos que somos complexos por natureza e que “cada um de nós traz em si sua própria complexidade, que poderia ser reconhecida, e cada um defronta-se em qualquer momento importante de sua vida com os desafios da complexidade” (MORIN 2010 p. 246).

O título deste ensaio vem com a primeira expressão *Fiat Lux* que quer dizer “Faça-se Luz”. Foi uma das primeiras expressões utilizadas por nossos atores da pesquisa quando do ato do primeiro reencontro. Isto se deu pelo fato de todos terem prestado concurso público recentemente e que essa expressão foi alvo de uma questão que causou polêmica entre todos. A luz do reencontro se deu através já nesse primeiro contato, quando percebemos que mais uma vez todos os destinos estavam se cruzando.

Parecia está escuro, mas aos poucos foi ficando claro quando houve os primeiros abraços, olhares, sorrisos e então a porta se abriu. Abriu-se também o mundo que se voltava para aquela experiência que iríamos viver naquele momento e com ela o sol, a casa, a piscina, os quartos e uma varanda com uma rede que convidava a deitar. E foi além disso. Poderíamos dizer que a experiência invadiu as almas e ampliou um ciclo. Entre olhares e sorrisos demos início ao que já havia tido um começo muito antes de adentrarmos aquela porta, o começo foi quando dissemos sim a tudo aquilo a pouco tempo atrás.

Este ensaio é parte de uma experiência vivida no desenvolvimento da pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Aqui relataremos o desenrolar dessa encenação que teve começo e meio, e que ainda não teve um fim. O ponto final ainda não foi dado e não o daremos ainda. É fruto de um projeto de dissertação que foi sendo adaptado e

tomando corpo ao longo de discussões, olhares, sentimentos, conhecimentos e novas necessidades surgidas nesse contexto. Podemos dizer aqui, conforme Morin (2007), que o método emergiu durante a experiência e se apresenta ao final como se para uma nova viagem. Desse modo, podemos dizer que tal “método define-se pela possibilidade de encontrar nos detalhes da vida concreta e individual, fraturada e dissolvida no mundo, a totalidade de seu significado aberto e fugaz” (idem, p. 23).

Este artigo configura-se como um relato de experiência em que descreveremos todo o processo de pesquisa nos seus mais doces e amargos modos de ser um tecido em conjunto e adentrará aspectos inerentes a vida e formação dos atores da pesquisa. Antes disso, é necessário que entendamos o que objetiva o projeto de dissertação e, conseqüentemente, delinear os caminhos trilhados neste percurso.

### **PRIMEIRO ATO: CONTEXTUALIZANDO O ENREDO**

Um começo tão igual  
Para histórias diferentes  
Revivendo as memórias  
De um passado tão presente

Entre idas e voltas  
Tanta história pra contar  
Artigos a produzir  
Eventos a participar

Bagagem, conhecimento  
Tanta coisa adquiri  
Mas com certeza, a maior de todas,  
Foram os amigos, que aqui fiz.

(Fernando Florêncio)

Edgar Morin (2003) em sua obra “*A Cabeça bem Feita*” nos alerta para uma realidade por vezes esquecida, onde afirma que a educação deve, antes de tudo, ensinar a viver. E isso parte de uma necessidade não só de conhecimentos, mas também da transformação, em que o próprio conhecimento adquirido se transforma em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda vida.

Foi preciso sair do centro para que pudéssemos perceber o que nos esperava. E havia um dia lindo lá fora. Por muito tempo e ainda muito voltada apenas pra esse viés, a Universidade tem uma configuração um pouco fechada, que privilegia de forma quase absoluta a formação para o mercado de trabalho. Podemos assim dizer que isso vem desde a educação básica e a forma como esta é concebida nos bancos escolares.

Mas há que se falar em formação humana. Uma formação que seja base para ensinar a condição humana e que processos afetivos e amorosos que são, ao mesmo tempo, dialógicos, interativos e auto-eco-organizadores, devem ser incorporados e aprendidos nesse trajeto. (BATALLOSO, 2012 p. 152)

É essencial, como diria Morin (2000, p. 61), mostrar o verdadeiro sentido da educação e o que esta deve vir a formar:

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e dá muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra.

É nesse meio termo e campo de várias lutas que queremos chegar. O nosso projeto de mestrado foi pensado justamente para adentrar nessas veredas estreitas que apresentam belas flores e inúmeros espinhos. Falamos aqui de formação para a vida, formação desencadeada nos espaços acadêmicos, porque acreditamos que não há como haver separação ou desintegração do ser humano.

Ainda em fase de construção, a pesquisa que estamos desenvolvendo no curso de Mestrado em Ciências Sociais e Humanas apresenta como objetivo entender o processo de autoformação e sua configuração na vida dos sujeitos, a partir de suas histórias de vida, entrelaçadas à experiência do PIBID<sup>4</sup> Educação Física e sua proposta de formação de professores.

Tomamos as palavras de Pascal Galvani (2002, p. 93) para delinear o processo de autoformação:

Deveríamos inverter completamente o eixo da ação educativa para desenvolver uma abordagem interior da educação: a autoformação. Esta comunicação pretendia mostrar que a autoformação implica, por um lado, numa abordagem transdisciplinar, para considerar a pluralidade de níveis de realidade desses dois conceitos: autos (si) e formação. E, por outro lado, que a autoformação é um processo antropológico que implica numa abordagem transcultural.

Portanto, o Curso de Educação Física (CEF) em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Campus Avançado

---

<sup>4</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –PIBID-Capes.

Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), serviu de palco para protagonizar o que estamos ensaiando hoje, porém com um intenso sabor e um olhar multidimensional. Desse contexto, de um grupo de alunos que vivenciou o PIBID durante a formação inicial em Educação Física, retiramos nossos atores protagonistas destas cenas e linhas que se seguem. Diante de tudo isso, os atores foram convidados a participar (nove aceitaram o convite) de um dia de experiência em que tentamos proporcionar diversas lembranças e histórias, que foram palpáveis durante todo o desenrolar desse dia.

Um ator inspirou-se e fez um acróstico com o nome PIBID e nos leva a refletir e enxergar algumas miudezas nos olhares:

**P**artindo da experiência adquirida  
**I**novamos nosso estilo profissional  
**B**uscando superar desafios  
**I**rmanado num só ideal  
**D**espertamos nosso amor incondicional

(Solange França)

A pesquisa foi um resgate de histórias vividas e de acontecimentos que marcaram os atores. Walter Benjamin nos diz que um acontecimento vivido é finito, ou, pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. Já tínhamos a porta, então procuramos a chave e encontramos o meio.

Compartilhamos da ideia de Boris Cyrulnik (2009, p. 12) quando acredita que “um relato não é a volta do passado, é a reconciliação com a própria história [...] a fabricação de um relato de si preenche o vazio das origens que perturbava nossa identidade”.

Discorreremos sobre esse contexto buscando enaltecer os detalhes mais preciosos que passam despercebidos diante das grandes lentes e das grandes narrativas, mas que foram e são cruciais para o nosso entendimento frente ao complexo contexto que ora adentramos.

## **SEGUNDO ATO: FAÇA-SE LUZ! E A EXPERIÊNCIA SE FEZ**

Escrevo sem saber  
 Aquilo que sai do coração  
 E apesar dos tropeços  
 Descoordenados de minha mão  
 Ouço sem cessar  
 Os assovios delicados daquela  
 Canção

Que cantei, dancei, senti e  
 Abracei  
 Canção que só interessa  
 Aqueles que nos resta  
 A eterna sílaba assoviada  
 Dos brilhos de uma mente inebriada  
 Das lembranças de outrora  
 Desse tempo que não se demora  
 E na vida não há pressa  
 Em unir com devoção  
 Por um elo de união  
 Jamais largar a minha mão.

(Lígia Carvalho)

Houve todo um processo de estruturação para que o reencontro pudesse acontecer. Inicialmente e essencialmente a construção teórica foi o primeiro passo. Era preciso que a teoria pudesse ser incorporada para dar base a tudo que estava por ser construído. E foi pensando nisso que estabelecemos encontros quinzenais para que pudessem ser discutidos textos referentes a temática objeto do estudo. E assim foi crescendo a sementinha que de início pareceu ser apenas um sonho utópico.

Neste emaranhado de incertezas notamos que há um começo que vem antes da viagem começar, funcionando até mesmo quando nos referimos ao método/caminho de pesquisa. Para Morin (2007, p.29) “o método não parte de crenças seguras de si mesmas, aprendidas e encarnadas, como demônios que se alimentam de nossa sede de certezas e da ambição de conhecimentos absolutos e inalteráveis. O método é o que ensina a aprender.”

Os primeiros passos de caráter mais prático foram sinalizados quando pensávamos em um lugar adequado para que pudéssemos viver aquele momento. E foi pensando na configuração do grupo, no desenvolvimento da pesquisa, nas necessidades de cada um que escolhemos o ambiente. Uma casa grande, com vários espaços abertos convidativos a uma boa conversa, rodeada de árvores e um alpendre bem chamativo. Era o lugar perfeito para o que pretendíamos desenvolver. E como diria um de nossos atores, era um ambiente de verdades.

Verdades

Verdades contadas, verdades inventadas,  
 Verdades inocentes, verdades assimiladas e militarizadas,  
 Verdades verdadeiras que preserva e reserva amizades diversas.

(Otto Pereira)

Fizemos o convite a alguns membros de grupo e nove deles se prontificaram e atenderam ao chamado. Já dispúnhamos do local e das pessoas, faltava agora o enredo. E esse veio cheio de poesia, músicas, fotos, histórias e um cheirinho gostoso de comida, que tinham como principal tempero o amor, onde foram preparados a luz de teorias e fundamentações para que pudessem nos dar base a todos o que tínhamos proposto.

Preparamos um roteiro e diversos ambientes que pudessem recriar fatos, lembranças, sentimentos, sensações naqueles sujeitos que iriam ali adentrar. E embasados nas ideias de Morin, articulamos o contexto baseado nas premissas de um pensamento complexo, de maneira que tentamos “uma forma de pensar não apenas as ciências, não apenas a filosofia, não apenas a política, mas, também, a vida cotidiana, a vida de cada um de nós”. (2010, p. 216).

O ambiente foi dividido em três estações, dentre as quais foram subdivididas ao longo dos cômodos vazios da casa. Logo na entrada, na sala, havia um som que ecoava uma música calma que enchia a alma de energia positiva e espalhadas nas paredes brancas, recortes das histórias de vida contadas no período de formação no PIBID por cada um que por ali passeava. E apostamos nas histórias de vida por entendermos que as histórias fornecem todas as instruções essenciais que precisamos para ter uma vida útil, necessária e irrestrita, uma vida que vale a pena ser lembrada (ESTÉS, 1998).

Digamos que nesse momento houve a segunda ideia de tudo, porquê a primeira talvez tenha vindo logo quando o convite foi feito, logo ao reencontro na mesa do café naquela casa solta de paredes brancas com aqueles mesmos rostos que costumavam se reencontrar todas terças e quintas em uma sala de aula na Universidade.

Nos recortes das histórias haviam frases de efeitos que já despertavam sentimentos diversos e resgatavam memórias algumas vezes adormecidas. Haveriam ainda mais duas estações, que ficaram em dois quartos vizinhos. Uma, com poesias impressas em uma folha de papel penduradas por uma linha que foi fixada no teto formando uma exposição que seguia o ritmo ao balanço do vento. Era um espaço de reconhecimento de si com um envolvimento extremamente íntimo. Percebemos que através da linguagem poética houve um reconhecimento de um todo presente na unidade que cada um trazia em meio a tamanha diversidade. Assim:

Reconhecer-se a si mesmo significa, então, ser capaz de identificar nossos próprios sentimentos, emoções, desejos, motivações, razões, interesses e valores, compreendendo as relações, vínculos, bifurcações e contradições que se produzem entre pensamentos, sentimentos, palavras e ações, ou seja, conhecer o modo em que os impulsos e as

emoções influenciam nossa própria conduta e os objetivos que nós estabelecemos. (BATALLOSO, 2012 p. 160)

Era um convite a inspiração. Poesias e poemas com temas sobre amizade, reencontro, o que é ser humano, formação para a vida, que enfeitavam aquele quarto de paredes brancas. Muitos deles serviram de entusiasmo criador para a escrita dessa poesia por um de nossos autores:

A arte de viver

É preciso saber viver  
Já dizia o poeta

Nas ilusões de querer ter  
Várias vezes esquecemos de ser  
Ser solidário, amável, respeitável,

Dar o melhor de si sem esperar.  
Encontrar nos outros, ser aceitável,  
Viver na intensidade de se doar.

Fazer nos reencontros da vida,  
A alegria de festejar  
Eternizar na memória desmedida  
A sutileza de amar.

(Solange França)

Na estação ao lado, o outro quarto, haviam dezenas de fotos espalhadas igualmente as poesias. Cada uma delas traziam a luz histórias vividas por quem a olhava. Refletiam dentro de cada imagem o momento daquela experiência. O movimento dançante das fotos penduradas traziam consigo também o movimento dos sorrisos, das lembranças e dos afetos despertados.

E em meio a tudo isso que cada um, embaixo de uma árvore, sentando em um banco de madeira, foi trilhando e contando um pouco de sua história de vida que desaguava sempre no PIBID como ponto de forte atenção em cada fala. Cada ator foi convidado a falar um pouco de si e de sua trajetória de vida e, inconscientemente, de seu processo de autoformação. Nessas histórias contadas foram percebidos vários pontos cruciais que faziam realmente valer a pena aquilo tudo que estava acontecendo, como por exemplo a liberdade, o fortalecimento da amizade, a noção de integração e complexidade, e de alteridade do “eu” com o “outro”.

Era notório perceber o envolvimento e o companheirismo daquele grupo quando relembavam histórias coletivas vivenciadas por eles e registradas naquele momento em



meio a risos e afetos, imagens e palavras, luz, som, pinturas e registros. O ambiente, o grupo, os atores possibilitaram o resgate desse emaranhado de sensações. Assim, um dos atores da pesquisa nos trouxe essa poesia que retrata os momentos da vida:

A vida é feita de momentos.  
Momentos de alegria, tristeza, nostalgia, liberdade.  
Cada momento retrata uma parte importante do nosso existir. E para aproveitarmos cada etapa da vida de maneira proveitosa é preciso viver intensamente.  
Aproveitar aquilo que se quer fazer, dizer sim ou não.  
Aproveitar e desfrutar das pessoas que te amam enquanto te amam ou enquanto estão ao nosso lado.

(Adiciano Costa)

Percebemos também a presença de alguns efeitos emancipadores, que se fizeram presentes por vezes nas falas de alguns. A mudança de postura frente a determinada situação da vida em geral ocasionada por ter vivido aquela experiência do PIBID com aquele grupo foi uma das principais ouvidas em diversos atores.

Após passar por cada estação, após algumas horas de conversa embaixo de uma árvore para dissipar as sombras, fizemos um convite à expressão dos sentimentos através da pintura. Que fosse feito um desenho livre com retalhos e tintas que estavam espalhados ao longo daquela área livre e aberta da casa. Inspiração eles já tinham, faltava agora externar aquilo. E foi o que aconteceu. Surgiram os mais diversos tipos de desenhos desde aqueles que falavam da liberdade adquirida, como daqueles que expressavam seu estado de espírito naquele momento, como também os que pintaram a amizade construída e fortalecida pelo grupo por meio do PIBID e daquele encontro. Ocorreu uma espécie de sensibilização e compreensão.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2003 p. 51).

O último momento foi vivido fora da casa. Como pedimos para construírem uma poesia buscando a inspiração em todo o momento, alguns procuraram o melhor lugar que poderiam encontrar para escrever. Outros sentaram-se no banco da praça em frente à casa. Foi nesses bancos que desfrutamos de um dos momentos mais intensos daquele dia. E diríamos intenso pois tudo o que é humano nos afeta, nos implica e nos expressa como seres complexos, multidimensionais e irredutíveis a qualquer representação

(BATALLOSO, 2012 p. 154). Naquele momento cada um foi explicar e ler a poesia que havia escrito. As poesias que foram a síntese desse encontro e a finalização daquele dia, deram sentido ao início desse relato.

Nesta poesia um dos atores escreveu sobre uma paixão sua, como ele mesmo afirmou, o corpo.

Meu corpo

Em meu corpo habita amores, sabores, paixões  
Em meu corpo habita angustias, desafetos, solidões  
Em meu corpo habita misturas, de povos, de ritmos.  
Em meu corpo habita tudo. Tudo o que sinto.

Sou parte de um grande todo.  
Um todo feito de muitas partes.  
Sou amante da arte  
Sou eu, mais que louco.

Neste habitat natural, de paisagens cintilantes  
Vou transcendendo minha alma  
Vou pedindo um pouco mais de calma  
Ora calma! Fale, Grite, Ouse!

Sou meu corpo,  
Pintado todo  
Com minhas perfeitas imperfeições,  
Sou eu, sou você, somos todos nós.

(Evandro Nogueira)

No desfiar do tempo em que os momentos iam revelando lembranças, inspiração, poesia, afetos, a cada estação da pesquisa, iam também sendo revelados diversos olhares sobre uma mesma formação que foi desencadeada por óticas que romperam a fronteira do individualismo.

Nota-se que as histórias foram sendo tecidas em conjunto. A cada mais novo detalhe incorporava uma outra cor aquilo que estávamos produzindo, a nossa colcha de retalhos da vida. É diante disso que acreditamos na ideia de que devemos pensar uma educação e uma formação com e para o coração que envolve o emocional e o sentir humano, mas também de uma educação para a contemplação, o agradecimento e reflexão, que inclui o ético, o estético e o mais íntimo e profundo de cada pessoa. (BATALLOSO, 2012 p.163)

## **PARA NÃO ENCERRAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSAIO**

Abrace, a vida, os amigos e as oportunidades.  
Afasta-se, de tudo que te faz mal

Corra, em busca dos seus sonhos  
 Descanse, para continuar a caminhar  
 Sorria, quando a vida te fechar a cara  
 Chore, para expor suas emoções  
 Acima de tudo viva cada momento como deve ser vivido.

(José Henrique)

Chega um tempo na vida que amadurecemos de uma forma ou de outra. Na vida nos é dado momentos de experiências onde cabe a nós mesmos tirar proveito das situações e ver o seu lado positivo.

Aprendi que viver é a melhor coisa da vida, que as decepções um dia irão passar, mas que tudo, absolutamente tudo, será aproveitado.

Aproveitamos o que Deus tem colocado pra nós, agarremos as oportunidades, nem sempre você terá outra.

“Perdoe, assim sentirá o que o amor. Viva intensamente, tenha fé, batalhe por suas metas, busque enxergar beleza nas coisas, isso te fará pleno”.

(Francisco Anderson)

Não há como conceber ou fragmentar o conhecimento. O conhecimento é indivisível e os elos precisam ser resgatados. Convidamos a pensar sobre a perspectiva de Morin (2007) e olhar a educação sob o paradigma da complexidade. Assim, do ponto de vista do mesmo autor, a complexidade humana não pode ser compreendida dissociada dos aspectos que a constituem, pois todo conhecimento verdadeiramente humano permite o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.

Os relatos de si, as histórias contadas e vividas, modificam o entendimento daquela história. Nos tornam leves e nos fazem entender melhor aquele enredo. Dizem que relembrar é viver, mas pensamos mais além. Relembrar, contar, narrar é construir de novo. Reconstruir a partir do já vivido um novo fim e um novo entendimento para o mesmo começo.

O que seria do homem se não fossem suas histórias? Um ser vazio, uma tabela em branco, uma moldura sem imagem? Se assim fosse, perderíamos nossa essência e nossa complexidade, pois são nossas histórias que nos edificam, nos orientam e na contramão disso, por vezes, nos deixam sem rumo. Acreditamos que falar de si é deixar correr as águas interiores, é, por vezes, libertar-se, é entendimento e também busca.

É convite ao por vir, ao meu mundo que será seu a partir de agora. Quando se fala de si há um convite aberto a entrar e um aviso para desfrutar com cuidado. Por isso que é importante está atento, saber ouvir e abraçar, porque na medida em que minha escuta pode transcender, eu passo a ser o outro e a viver as dores e alegrias do outro com suas incompletudes e imperfeições.

Essa pesquisa parte do humano, das relações vividas, vivenciadas, desfrutadas, saboreadas ao longo de múltiplos processos formativos que são também processos de autoformação, daquelas histórias cruzadas e emaranhadas que vão tecendo o sentido de existir. Eu existo porque eu sou. Sou eu comigo mesmo, com os outros, com todos nós.

Parte também da formação, a minha formação enquanto pessoa, o que recebemos construímos e desconstruímos. Houve momentos de perda e de encontros. Achei-me, depois de todo o vivido, evoluída, alterada, diferente e até avessa, mas aquele avesso sendo o lado real que já era pra ter desabrochado.

Há uma descoberta, o achado, o novo. Um meio sem fim, um fim sem meio. Há um começo que sempre se renova dependendo do olhar, da luz, da abertura do coração. A depender da poesia da vida, da vida, do olhar descentrado, do coração afetuoso e da intenção de abraçar. Essa relato nos serviu para um melhor tracejo da pesquisa e para uma descoberta e ampliação de novos olhares e para novos entendimentos sobre a complexidade.

## REFERÊNCIAS

CYRULNIK, B. **Autobiografia de um espantalho – histórias de resiliência:** o retorno à vida. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ESTÉS, C. P. **O dom da história:** Uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GALVANI, P. A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. In: **Educação e Transdisciplinaridade**. II – CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002.

BATALLOSO, J. M. Educação e Condição Humana. In: MORAES, M. C. ALMEIDA, M. C. (org.) **Os sete saberes necessários à Educação do presente:** por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. – 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Meu Caminho.** Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010;

MORIN, E. ROGER, E. C. MOTTA R. **Educar na era Planetária.** São Paulo: 2ª ed. Cortez. Brasília-DF: UNESCO, 2007.